SEVEN
publicações acadêmicas

ENTRE O SABER E O SENTIR: SAÚDE EMOCIONAL NAS ESCOLAS COMO PILAR PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA, TRANSFORMADORA E HUMANIZADORA

https://doi.org/10.56238/sevened2025.001-048

Ericka Cristian S. Carneiro
Mestra em Educação e Relações Ètnico-Racias pelo programa de Pós-graduação PPGER- UFSB Sosígenes Costa da Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA.
Professora da rede municipal de Santa Cruz Cabráli-Ba.
E-mail erickcristianvic@gmail.com.

Francisco Nascimento Junior
Professor Dr. do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais PPGER – UFSB Sosígenes Costa da Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA.
Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) do Campus Sosígenes costa da Universidade Federal do Sul da Bahia
E-mail: francisco.nascimento@ufsb.br

Jodilce Pereira dos Santos
Mestra em Educação e Relações Ètnico-Racias pelo programa de Pós-graduação PPGER- UFSB Sosígenes Costa da Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA.
Professora da rede municipal de Santa Cruz Cabráli-Ba
E-mail biribakaxando@gmail.com

Marideise S. Presende
Mestra em Educação e Relações Ètnico-Racias pelo programa de Pós-graduação PPGER- UFSB Sosígenes Costa da Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA.
Professora da rede municipal de Santa Cruz Cabráli-Ba
E-mail deisepresende@gmail.com

RESUMO
Este artigo investiga como a promoção da saúde emocional nas escolas pode se configurar como um pilar essencial para a construção de uma educação inclusiva e transformadora. A pesquisa parte da premissa de que as dimensões emocionais, sociais e cognitivas estão profundamente interligadas no desenvolvimento dos estudantes, sendo essencial integrar práticas pedagógicas que acolham e cuidem das emoções no ambiente escolar. A partir de uma análise teórica fundamentada em autores como Paulo Freire, Bell Hooks, Barbara Carine Soares Pinheiro e outros, que defendem uma educação humanizadora e inclusiva, a pesquisa explora como a gestão escolar e a orientação pedagógica podem ser estratégias eficazes na promoção do bem-estar emocional. O estudo propõe refletir sobre como transformar as escolas em ambientes acolhedores, inclusivos e que favoreçam o desenvolvimento integral dos alunos, com o objetivo de formar cidadãos críticos, resilientes e empáticos.

Palavras-chave: Saúde emocional. Educação inclusiva. Práticas pedagógicas. Políticas educacionais. Bem-estar.

1 INTRODUÇÃO

A educação contemporânea enfrenta desafios complexos, especialmente em relação à construção de um ambiente escolar que promovam não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse sentido, a promoção da saúde emocional de crianças e adolescentes assumem um papel fundamental, já que a escola precisa ser um espaço capaz de acolher, respeitar e atender às múltiplas dimensões de um estudante, como o físico, o emocional, o social, o cognitivo e o cultural. Mais do que nunca, é imprescindível que as escolas se posicionem como ambientes inclusivos e humanizados, que possibilitem não apenas o desenvolvimento de habilidades e competências sociais, emocionais e cognitivas, mas também, permita aos alunos a construção de uma cidadania crítica, resiliente e empática.

Sendo assim, a necessidade de investigar a integração de práticas pedagógicas que favoreçam o bem-estar emocional no cotidiano escolar surge em um contexto de crescente preocupação com as questões de saúde mental na infância e adolescência.

Em um cenário marcado pela desigualdade social e por rápidas transformações culturais, as escolas enfrentam um papel decisivo: proporcionar aos alunos um ambiente seguro e acolhedor que vá além da transmissão de conteúdos acadêmicos e se torne base ao seu desenvolvimento pleno. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ao ressaltar a importância da educação integral, estabelece que "a formação do educando deve contemplar não apenas o aspecto cognitivo, mas também a formação ética, moral e emocional, o que reforça a relevância deste estudo". Com isso, a proposta de pesquisa procura investigar como as políticas educacionais e práticas pedagógicas podem ser aliadas na promoção da saúde emocional dos estudantes, visando a construção de uma educação mais inclusiva e humanizada.

A promoção da saúde emocional nas escolas não deve ser vista como um elemento periférico da educação, mas sim como um pilar estruturante para o desenvolvimento integral dos estudantes. No atual cenário educacional, marcado por desigualdades históricas e sociais, pressões acadêmicas e desafios emocionais intensificados pelo mundo contemporâneo, as escolas precisam se tornar espaços que cultivem a inteligência emocional e social. Como argumenta Daniel Goleman (1995), a inteligência emocional é um fator determinante para o sucesso acadêmico e pessoal, sendo mais preditiva do bem-estar e da realização dos indivíduos do que o próprio quociente intelectual.

Ao lado desse olhar psicológico, a visão pedagógica de Paulo Freire (2020) ressoa ao afirmar que a educação deve ser um processo libertador e dialógico, em que a subjetividade dos alunos não é apenas reconhecida, mas integrada ao processo de ensino-aprendizagem. Para Bell Hooks (1999), a afetividade no ambiente escolar é um elemento transformador, pois permite que os alunos construam conhecimentos a partir de experiências autênticas e significativas. Assim, a escola precisa superar o

modelo tradicional centrado apenas na dimensão cognitiva e assumir um papel ativo na promoção do bem-estar emocional dos estudantes

Diante desse cenário, a pesquisa se justifica pela urgência de criar espaços educativos mais inclusivos e que integrem as dimensões emocionais, sociais e cognitivas dos alunos. A promoção do bem-estar emocional torna-se essencial, não apenas para o sucesso escolar, mas também para o fortalecimento da saúde mental dos educandos, considerando o contexto histórico, social e cultural no qual estão inseridos.

A metodologia adotada será qualitativa, com abordagem exploratória, utilizando o estudo de caso em escolas de diferentes contextos. A escolha dessa metodologia visa a compreensão profunda e contextualizada das práticas pedagógicas e políticas educacionais, considerando a diversidade cultural, socioeconômica e demográfica dos ambientes escolares. A coleta de dados se dará por meio de entrevistas semi-estruturadas com educadores, gestores escolares e alunos, além de grupos focais que proporcionarão um espaço de troca de experiências sobre as dinâmicas escolares. A análise dos dados será realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, que possibilita identificar as principais temáticas relacionadas à promoção da saúde emocional e às práticas pedagógicas inclusivas. A triangulação de dados será utilizada para garantir a confiabilidade dos resultados, validando as informações obtidas a partir de diferentes fontes.

A investigação se propõe a identificar os desafios enfrentados na implementação de práticas pedagógicas que promovam a saúde emocional, e como as políticas públicas locais influenciam o processo, fornecendo, ainda, recomendações para o fortalecimento dessas práticas e políticas.

Assim, espera-se que os resultados contribuam para a construção de um modelo educacional mais humanizado e integrado, no qual as escolas possam ser de fato, espaços de transformação social e cuidado emocional, garantindo o desenvolvimento pleno de cada aluno, em conformidade com os princípios de justiça social e inclusão.

2 INTEGRAÇÃO DAS DIMENSÕES EMOCIONAIS, SOCIAIS E COGNITIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Historicamente, a escola tem sido vista como um espaço dedicado quase que exclusivamente à transmissão de conhecimentos acadêmicos. No entanto, em um cenário educacional cada vez mais desafiador e plural, marcado por desigualdades sociais e rápidas transformações culturais, essa visão precisa ser profundamente repensada. A verdadeira educação não pode ser reduzida a um mero processo de absorção de conteúdos cognitivos, pois não podemos esquecer que os estudantes são seres humanos plenos, com emoções, histórias e contextos sociais que precisam ser igualmente valorizados. Assim, a promoção da saúde emocional de crianças e adolescentes nas escolas não se trata apenas de

garantir o bem-estar imediato dos alunos, mas de potencializar seu desenvolvimento integral, cognitivo e social, preparando-os para lidar com os desafios da vida.

A educação no Brasil, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tem o compromisso de promover a formação integral dos estudantes, ou seja, não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também social e emocional. A LDB, em seu Art. 2º, determina que a educação deva "promover o desenvolvimento do educando, considerando suas dimensões afetivas, cognitivas e sociais" (Brasil, 1996, p. 10), reforça a ideia de que a aprendizagem não pode ser separada dessas dimensões, que são interdependentes. Quando essas áreas do desenvolvimento humano são trabalhadas de forma integrada, a educação se torna mais completa, favorecendo não só o aprendizado cognitivo, mas também a construção de competências emocionais e sociais essenciais para a formação de indivíduos críticos e empáticos.

Esse entendimento implica que a escola deve ser um espaço de acolhimento, onde os alunos possam desenvolver suas habilidades de forma holística. Ao integrar as dimensões emocionais, sociais e cognitivas, a educação se torna um processo transformador, no qual o estudante é visto como um ser humano complexo, cujas experiências e sentimentos têm grande impacto em seu aprendizado. Além disso, a promoção de um ambiente escolar que reconheça e valorize essas diferentes dimensões permite que o estudante se torne mais resiliente, capaz de enfrentar os desafios da vida cotidiana com maior equilíbrio emocional e capacidade de socialização. A partir dessa perspectiva, a escola se coloca como um espaço de construção do ser humano em sua totalidade, indo além do simples repasse de conteúdos acadêmicos.

A ideia de uma educação que transcende o simples ato de transmitir conteúdos acadêmicos é amplamente defendida por Paulo Freire (2020, p.77), nos lembra que "a educação verdadeira é aquela que se faz no diálogo, onde educador e educando são sujeitos do processo". Isso implica que a formação dos estudantes deve considerar sua totalidade, envolvendo não apenas o aspecto cognitivo, mas também o emocional e o social. Nesse sentido, ao adotar práticas que acolhem as emoções e reconhece à importância das interações interpessoais, a escola se alinha aos princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que propõe a promoção do desenvolvimento integral do educando. Ao integrar essas diferentes dimensões, a educação se torna mais rica e transformadora, preparando os alunos para o enfrentamento dos desafios da vida de maneira mais completa.

A verdadeira educação, conforme proposta por Freire, não pode ser limitada ao simples ato de ensinar conteúdos acadêmicos, mas deve incluir a valorização das subjetividades dos alunos e a promoção de um ambiente de diálogo. Para Freire (2020, p.15), "não é suficiente saber, para a verdadeira educação, é necessário saber e saber fazer, e saber fazer com os outros". Esse pensamento reforça a ideia de que a escola deve reconhecer o aluno como um ser completo, que não é formado

apenas por sua capacidade cognitiva, mas também por suas emoções e relações sociais. A integração das dimensões não é uma tarefa simples, mas é fundamental.

Ao integrar as dimensões emocionais, sociais e cognitivas, a escola não apenas cumpre seu papel de transmitir conhecimentos acadêmicos, mas também se torna um ambiente que acolhe e fortalece o aluno em sua totalidade. Nesse sentido, Bell Hooks reforça essa ideia ao afirmar que a educação deve ser um espaço onde a afetividade desempenha um papel central. Segundo Hooks (1999, p.41), "a escola deve ser um lugar de radical afeto, onde o professor se importa com o aluno como um ser humano completo". Essa abordagem evidencia que a educação precisa incorporar, para além do conteúdo cognitivo, a formação emocional e social dos estudantes, permitindo que eles se sintam seguros e acolhidos.

A integração das dimensões emocionais, sociais e cognitivas no processo educativo requer uma escola que vá além do ensino acadêmico, tornando-se um espaço acolhedor e de cuidado integral. A gestão escolar, nesse sentido, desempenha um papel determinante ao criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento global dos educandos.

> A gestão educacional, ao buscar garantir um ambiente escolar que favoreça o aprendizado, deve, igualmente, ser capaz de criar um contexto que possibilite o cuidado com a subjetividade do aluno. Um espaço de convivência onde o estudante se sinta pertencente, onde suas questões emocionais sejam reconhecidas e respeitadas, favorecendo, assim, a construção de um sujeito integral e completo (Luck, 2009, p.120).

Essa abordagem exige que educadores e gestores estejam preparados para lidar com as necessidades emocionais dos alunos, criando um espaço de segurança e suporte emocional. A escola deve ser, portanto, um espaço de escuta ativa, onde os alunos se sintam valorizados e compreendidos em suas múltiplas dimensões, tanto intelectuais quanto afetivas. A educação, ao reconhecer e trabalhar essas dimensões de forma integrada promove o desenvolvimento de indivíduos mais completos, empáticos e preparados para enfrentar os desafios da vida.

Em suma, a integração das dimensões emocionais, sociais e cognitivas no processo educacional é essencial para uma formação completa e transformadora dos estudantes. A escola não pode mais ser vista como um espaço exclusivo de transmissão de conteúdos acadêmicos, mas como um ambiente que acolhe e desenvolve as múltiplas facetas do ser humano. Ao proporcionar um espaço seguro, inclusivo e de escuta ativa, onde as emoções e as relações interpessoais que perpassam as histórias de vida e convivências são reconhecidas e valorizadas, a educação se torna um instrumento poderoso de construção de indivíduos resilientes, críticos e empáticos.

No entanto, esse processo exige a atuação comprometida de educadores e gestores, que devem estar preparados para lidar com as necessidades emocionais e sociais dos alunos, garantindo que todos tenham as condições necessárias para enfrentar os desafios da vida e se tornarem cidadãos plenos.

Nesse contexto, é imprescindível que as políticas educacionais contemplem a formação contínua de professores e a implementação de práticas pedagógicas que favoreçam a integração dessas dimensões em todos os níveis de ensino. Assim, a escola se reafirma como um espaço de transformação e cuidado integral, contribuindo para a formação de seres humanos mais completos e preparados para a construção de uma sociedade mais justa, desigual e inclusiva.

3 O PAPEL DA ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA E GESTÃO ESCOLAR NA PROMOÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL

Ao refletirmos sobre a importância de integrar as dimensões emocionais, sociais e cognitivas no ambiente escolar, torna-se fundamental destacar o papel da orientação pedagógica e da gestão escolar na promoção da saúde emocional dos alunos. Essas duas instâncias desempenham funções essenciais, não apenas na organização e no planejamento do ensino, mas também na construção de um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral dos estudantes.

A construção de uma educação transformadora e verdadeiramente inclusiva demanda que a escola se posicione de forma inovadora e audaciosa, desafiando os paradigmas tradicionais que historicamente a restringem a um espaço apenas de transmissão de conteúdos acadêmicos. Em um cenário social cada vez mais dinâmico, marcado por profundas desigualdades e constantes mudanças culturais, é fundamental repensar a escola como um espaço que transcende o simples repasse de informações, para se tornar um verdadeiro refúgio de acolhimento, compreensão e formação integral do ser humano.

Assim, a promoção da saúde emocional de crianças e adolescentes nas escolas não deve ser apenas uma preocupação pontual, mas uma prática cotidiana que visa fortalecer o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios da vida com resiliência, empatia e autoconfiança.

A orientação pedagógica e a gestão escolar desempenham papéis centrais na construção desse ambiente de cuidado, acolhimento e aprendizado integral. Elas são as responsáveis por garantir que a escola não seja apenas um lugar de ensino, mas um espaço de transformação, onde o aluno, como ser humano completo, possa se desenvolver em suas múltiplas dimensões.

A orientação pedagógica, conforme destacam especialistas como Luck (2009), não é apenas um suporte pontual, mas uma presença constante que acompanha de perto o bem-estar emocional e social dos estudantes, atuando de forma preventiva e curativa. O trabalho do orientador pedagógico é, portanto, essencial na construção de um vínculo de confiança, em que o aluno se sinta valorizado e compreendido, e onde suas necessidades emocionais sejam tratadas com a seriedade que merecem.

A gestão escolar contemporânea não pode mais se restringir à organização de currículos e à administração burocrática da escola. Ela precisa assumir uma função estratégica na construção de um

ambiente que favoreça a saúde emocional dos estudantes. Antônio Nóvoa (2017) enfatiza que a escola do século XXI deve ser um espaço de "cuidado e pertencimento", onde os gestores têm um papel ativo na criação de um ecossistema escolar que fomente o bem-estar psíquico e social.

Além disso, a gestão escolar precisa atuar na implementação de políticas públicas que assegurem o direito dos estudantes a uma educação emocionalmente saudável. No Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2013) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já apontam para a importância do desenvolvimento de competências socioemocionais, mas ainda há um grande desafio na aplicação prática desses princípios no cotidiano escolar. Como argumenta Boaventura de Sousa Santos (2009), uma gestão democrática e participativa é essencial para que a escola seja um espaço de transformação social, onde cada aluno seja reconhecido como sujeito pleno de direitos e potencialidades.

Para que isso aconteça, é necessário que gestores e educadores se vejam como agentes de transformação, que não só ensinam, mas que formam seres humanos plenos, capazes de interagir com o mundo de forma crítica, empática e responsável.

Logo, as práticas pedagógicas devem ser pensadas de forma inclusiva, permitindo que cada educando tenha seus sentimentos reconhecidos e validados, criando, assim, um ambiente de aprendizado que favorece o crescimento humano de maneira integral. A gestão escolar, por sua vez, precisa adotar uma abordagem que promova o bem-estar emocional, garantindo que a escola não seja apenas um local de instrução, mas também um espaço de vivências e experiências transformadoras.

Nesse processo, a escuta ativa e o reconhecimento das múltiplas dimensões do aluno, sua inteligência emocional, suas relações sociais e sua capacidade cognitiva, são fatores determinantes para o sucesso educacional. É justamente por meio de práticas de acolhimento, compreensão e cuidado que a escola se transforma em um ambiente de alegria e motivação, como nos lembra o filósofo e educador francês George Snyders:

> A verdadeira alegria na escola surge do reconhecimento do valor intrínseco de cada aluno, onde ele não é visto apenas como alguém que aprende conteúdos acadêmicos, mas como um ser humano completo, com emoções e capacidades próprias. O ambiente escolar deve ser construído de maneira que os alunos sintam prazer no aprendizado, não apenas intelectual, mas também emocionalmente. Quando criamos esse espaço de acolhimento e alegria, o aprendizado se torna uma experiência transformadora e significativa para todos (Snyders, 1997, p.67).

Ao cultivar um ambiente acolhedor e desafiador, a escola se transforma em um espaço de despertar e potencialização das forças internas dos alunos, onde eles são incentivados a se tornarem a melhor versão de si mesmos, não apenas em termos acadêmicos, mas também em sua formação emocional e social. Nesse contexto, a verdadeira alegria escolar emerge do reconhecimento do valor intrínseco de cada aluno, que é tratado como um ser único e completo. Ao criar um ambiente onde o aprender se torna uma experiência prazerosa e integrada, a escola não só transmite conhecimentos,

mas também fomenta o bem-estar emocional, permitindo que os estudantes se sintam motivados e seguros para explorar seu potencial em todas as suas dimensões.

A promoção da saúde emocional nas escolas também passa pela criação de um ambiente que celebre o prazer e a alegria do aprender. Snyders (1997, p. 85) destaca que "a escola deve ser um lugar de prazer, onde a alegria seja não apenas um resultado desejável, mas uma condição essencial para a aprendizagem". Esse pensamento fortalece a ideia de que a educação não deve ser um processo meramente cognitivo ou técnico, mas deve ser também uma vivência afetiva, onde os alunos se sintam motivados e seguros para expressar suas emoções e explorar suas capacidades. Ao integrar práticas pedagógicas que envolvem a afetividade e a alegria no ambiente escolar, a educação se torna mais humana e significativa, favorecendo o desenvolvimento pleno dos estudantes.

Assim sendo, o aprendizado se torna verdadeiramente eficaz quando ocorre em um contexto de relações interpessoais significativas, como afirma o psicólogo e teórico da educação russo,Lev S. Vygotsky (1984,p.65) "o aprendizado só é eficaz se ocorrer em um contexto de relações interpessoais significativas". Esse princípio destaca a importância das interações emocionais e sociais no processo de aprendizagem, uma vez que a integração das dimensões emocionais e sociais não só favorece o desenvolvimento acadêmico, mas também contribui para a formação de indivíduos mais completos e empáticos.

Para que essa integração seja efetiva, é imprescindível que a orientação pedagógica e a gestão escolar se alinhem ao propósito de cuidar das dimensões emocionais dos alunos, criando um ambiente seguro e acolhedor, propício ao crescimento integral de cada estudante.Em sintonia com esse entendimento, Snyders, também reflete sobre a necessidade de uma gestão que compreenda o espaço escolar como um ambiente holístico, onde o bem-estar emocional e o prazer de aprender se tornam parte do processo de formação. Snyders (1997, p.92), afirma que "uma escola que ignora a importância da alegria e do prazer no aprendizado está negligenciando as necessidades mais fundamentais do ser humano". Esse conceito nos leva a perceber que a escola precisa ser mais do que um simples repositório de conteúdos acadêmicos; ela deve ser um local onde os alunos, ao se sentirem emocionalmente acolhidos, possam se desenvolver de maneira integral, desenvolvendo não apenas suas habilidades cognitivas, mas também suas competências emocionais e sociais.

Esse olhar holístico sobre a educação é essencial para a formação de indivíduos resilientes, críticos e empáticos, preparados para lidar com os desafios da vida. Como enfatiza George Snyders (1997), ao transformar o ambiente escolar em um espaço de alegria, a educação se torna não apenas um meio de instrução, mas um processo de transformação profunda, que toca o ser humano em suas múltiplas dimensões. E é justamente essa abordagem que a orientação pedagógica e a gestão escolar devem abraçar, pois, como já ressaltado, a educação verdadeira não pode ser reduzida à mera

transmissão de conteúdos; ela precisa ser e atuar antes de tudo, como um processo de formação integral, que respeite e cultive a totalidade do ser humano.

Dessa forma, a promoção da saúde emocional no ambiente escolar não é uma tarefa isolada, mas um processo contínuo que envolve a integração das práticas pedagógicas com a gestão escolar, criando um espaço onde as dimensões cognitivas, emocional e social dos alunos se complementam. A escola, quando assume a responsabilidade de ser um ambiente de acolhimento, de cuidado e de prazer na aprendizagem, não só prepara os alunos para os desafios acadêmicos, mas os fortalece para a vida em sociedade.

Nesse sentido, as políticas educacionais voltadas para o bem-estar emocional precisam ser mais do que diretrizes formais, devem ser vivenciadas no cotidiano escolar, onde a gestão e a orientação pedagógica se alinham no desenvolvimento de práticas que favoreçam um ensino inclusivo e holístico.

Portanto, é fundamental que o papel da orientação pedagógica e da gestão escolar não se limite a aspectos administrativos, mas se amplie para abraçar o potencial transformador da educação, cultivando uma formação integral que respeite e desenvolva as diversas dimensões do ser humano. Para que isso seja efetivo, as políticas educacionais devem ser repensadas e alinhadas a esse novo paradigma, enfrentando os desafios estruturais e oferecendo novas potencialidades para a promoção do bem-estar emocional dos estudantes.

4 DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O BEM-ESTAR EMOCIONAL DOS ESTUDANTES

As políticas educacionais têm o poder de transformar a educação, mas, para isso, devem ser estruturadas de forma a contemplar não apenas as exigências acadêmicas, mas também o bem-estar emocional dos estudantes. Em um país como o Brasil, que enfrenta uma realidade marcada por desigualdades sociais, é essencial que a educação não se limite à instrução técnica, mas que considere a formação integral do ser humano, com ênfase no desenvolvimento emocional e social. Nesse sentido, Bell Hooks (1999) argumenta que a educação deve ser vista como um espaço de construção de relações afetivas e de cuidado, em que o afeto tem um papel central no processo de aprendizagem. A autora acredita que a escola precisa ser um local onde os alunos se sintam valorizados em todas as suas dimensões, e não apenas como receptores passivos de conhecimento.

As políticas educacionais desempenham um papel crucial na promoção da saúde emocional dos estudantes, mas seu sucesso depende da superação de desafios estruturais e da implementação de estratégias eficazes. Em um país como o Brasil, onde a educação ainda reflete desigualdades sociais, raciais e econômicas, é fundamental que as políticas públicas sejam desenhadas de forma interseccional, garantindo que raça, gênero, classe e territorialidade sejam considerados na formulação de diretrizes para o bem-estar emocional dos alunos.

Nilma Lino Gomes (2015) reforça que a escola precisa reconhecer e valorizar as subjetividades dos estudantes, tornando-se um espaço de acolhimento e pertencimento. Esse olhar é essencial, pois pesquisas recentes mostram que alunos que se sentem emocionalmente seguros na escola apresentam maior engajamento acadêmico, menores índices de evasão e melhor desempenho em avaliações formais (Duarte et al., 2021). No entanto, a ausência de profissionais especializados, como psicólogos escolares e assistentes sociais, somada à falta de formação dos professores para lidar com questões emocionais, compromete a efetividade dessas políticas.

Portanto, para que as diretrizes educacionais voltadas ao bem-estar emocional tenham impacto real, é necessário um compromisso político que vá além do discurso. A alocação de recursos, a formação continuada de educadores e a criação de espaços de escuta e acolhimento devem ser prioridades na agenda educacional brasileira.

Nesse sentido, Nilma Lino Gomes (2015, p. 112) destaca que "a educação deve ser pensada de maneira que reconheça e valorize as experiências e subjetividades de cada aluno, pois a diversidade cultural e social é uma realidade presente nas escolas brasileiras".As políticas educacionais precisam ser desenhadas de forma a integrar as diversas realidades dos alunos, respeitando suas identidades e experiências.

Ao adotar uma abordagem inclusiva, a educação deve criar um ambiente que valorize as diferenças e favoreça o desenvolvimento integral dos estudantes, assegurando que cada um tenha sua identidade reconhecida e que se sinta parte de uma comunidade escolar que respeita e celebra a diversidade.

> É necessário que a educação enfrente os desafios sociais e históricos de nossa sociedade, promovendo um ambiente de aprendizagem que respeite as identidades e as diferenças, para que os estudantes se sintam acolhidos e compreendidos em sua totalidade (Gomes, 2015, p. 112).

No entanto, a implementação de políticas públicas voltadas para a saúde emocional dos alunos enfrenta diversos desafios. Um dos maiores obstáculos é a escassez de recursos, tanto financeiros quanto humanos. Muitas escolas ainda carecem de profissionais especializados, como psicólogos e orientadores pedagógicos, o que compromete a qualidade do apoio emocional oferecido aos alunos. Além disso, em muitas situações, as políticas públicas não são suficientemente concretas ou articuladas para garantir que o cuidado emocional dos estudantes seja uma prioridade nas escolas.

Contudo, as potencialidades dessas políticas, quando bem estruturadas, são significativas. Santos (2007) aponta que as políticas educacionais podem ser poderosos instrumentos de transformação social, desde que contemplem a promoção de um ambiente inclusivo, no qual os estudantes sejam reconhecidos em sua totalidade, incluindo suas dimensões emocionais e sociais. Ao integrar tais práticas, as políticas educacionais podem promover um ambiente seguro e acolhedor, que

favorece a construção de sujeitos críticos, resilientes e empáticos, prontos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

É fundamental que as políticas educacionais se orientem pela perspectiva de que a saúde emocional dos alunos é um direito, e não um privilégio. A construção de uma sociedade mais justa e igualitária passa pela garantia de uma educação que integre as dimensões cognitivas, emocionais e sociais de seus estudantes. Nesse contexto, a escola é mais do que um espaço de ensino, ela deve ser um ambiente de cuidado, onde todos os alunos possam desenvolver seu pleno potencial tanto no âmbito acadêmico quanto emocional.

Portanto, é fundamental que as políticas educacionais se orientem pela visão de que a saúde emocional dos alunos é um direito e não um privilégio, como também preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (Brasil, 2013). A construção de uma sociedade mais justa e igualitária passa pela garantia de uma educação que respeite a diversidade e que promova de forma efetiva, o bem-estar emocional dos alunos. Nesse contexto, Freire (1996) reforça que a educação deve ser "um ato de liberdade, um processo em que se construam relações solidárias, de respeito e de colaboração". Assim, a escola deve ser entendida não apenas como um local de ensino, mas como um ambiente de cuidado, onde o aluno possa desenvolver todas as suas potencialidades, acadêmicas, emocionais e sociais.

5 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA O CUIDADO DA SAÚDE EMOCIONAL NAS ESCOLAS

A promoção da saúde emocional nas escolas vai além da implementação de políticas públicas e exige uma verdadeira transformação nas práticas pedagógicas, reconhecendo a complexidade das dimensões emocionais, sociais e cognitivas dos alunos.

A construção de uma escola emocionalmente saudável não pode se limitar a ações pontuais ou programas isolados. Para que a promoção do bem-estar emocional seja uma realidade, é essencial que a prática pedagógica seja repensada de forma holística e estruturada. Lev Vygotsky (1984) já destacava que o aprendizado ocorre dentro de um contexto social, e que as interações entre professores e alunos são fundamentais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Dessa forma, estratégias pedagógicas que fomentem o diálogo, a escuta ativa e o desenvolvimento da inteligência emocional tornam-se essenciais para o sucesso educacional.

Entre as práticas que podem ser incorporadas ao cotidiano escolar, destacam-se:

1. Metodologias ativas e cooperativas, como a aprendizagem baseada em projetos e em problemas, que incentivam a colaboração e a resolução coletiva de desafios emocionais e sociais.

2. Práticas restaurativas, como círculos de diálogo e mediação de conflitos, que ajudam os estudantes a desenvolver habilidades de comunicação não violenta e empatia.
3. Espaços de escuta e acolhimento, como rodas de conversa semanais e momentos dedicados à expressão emocional, permitindo que os alunos verbalizem suas dificuldades e fortaleçam sua resiliência.

Para que essas estratégias sejam efetivas, é essencial que os professores recebam formação contínua e apoio institucional. Como reforça Barbara Carine Soares Pinheiro (2023), uma prática pedagógica antirracista e inclusiva precisa estar atenta às subjetividades dos estudantes, reconhecendo suas histórias e valorizando suas identidades. Dessa forma, a escola pode se tornar um espaço de segurança emocional, onde cada estudante se sinta respeitado e motivado a aprender.

Nesse contexto, Paulo Freire nos ensina que “a educação deve ser, antes de tudo, um ato de liberdade, um processo em que se construam relações solidárias, de respeito e de colaboração" (Freire, 1996, p. 52). Para que esse processo se concretize, educadores e educandos precisam caminhar juntos, criando um espaço de confiança mútua, onde o conhecimento não seja apenas transmitido, mas também construído a partir das experiências e sentimentos de cada um.

Essas relações de liberdade e respeito podem ser efetivas quando a prática pedagógica é, de fato, inclusiva e sensível às necessidades emocionais dos alunos. A escuta ativa e o acolhimento emocional torna-se instrumentos centrais nesse processo. Mais do que ensinar conteúdos, os educadores devem se comprometer com a escuta genuína, considerando o que cada estudante traz consigo em termos de vivências, desafios e sentimentos. Barbara Carine Soares Pinheiro (2023) ressalta que "a prática pedagógica antirracista exige uma escuta atenta, que acolha as diferentes experiências e subjetividades dos estudantes, criando um ambiente de cuidado e respeito, fundamental para a construção do conhecimento" (Pinheiro, 2023, p. 89). Este olhar atento e acolhedor, que respeita as histórias individuais, é a base para que o processo de aprendizagem aconteça de forma verdadeiramente transformadora.

A saúde emocional não é um conceito isolado do processo educacional. Ao contrário, ela deve ser integrada às práticas pedagógicas cotidianas, promovendo uma educação que respeite as emoções e as relações sociais dos alunos. Para isso, as metodologias participativas, osprojetos de mediação de conflitos e as atividades que incentivem a expressão emocional são algumas das estratégias que podem ser adotadas nas escolas para criar um espaço de aprendizagem integral. Essas práticas não só contribuem para o desenvolvimento cognitivo, mas também fortalecem a construção de uma cultura de paz, de respeito e de colaboração entre estudantes, professores e toda a comunidade escolar. Como afirma George Snyders (1997), "é no espaço da escola que deve começar a construção do prazer e da alegria no aprender, pois a aprendizagem é mais efetiva quando se integra o aspecto emocional do

indivíduo" (Snyders, 1997, p. 87). Quando os alunos se sentem emocionalmente seguros e compreendidos, o aprendizado se torna mais leve, prazeroso e efetivo.

Além disso, a capacitação contínua de educadores e gestores escolares é fundamental para que todos os profissionais da educação estejam preparados para lidar com as questões emocionais e psicológicas dos alunos. Os professores não devem ser vistos apenas como transmissores de conhecimento, mas como facilitadores de um ambiente emocionalmente saudável e acolhedor. Isso envolve entender as diversas formas de sofrimento e as diferentes necessidades emocionais que os alunos podem carregar.

Para que essa abordagem se concretize, é imprescindível que as escolas se organizem em uma rede de apoio, envolvendo psicólogos, coordenador/orientador pedagógico e outros profissionais da saúde mental, criando uma rede de cuidados integrada e colaborativa. Boaventura de Sousa Santos (2007) nos alerta que "a interação entre os diferentes profissionais da educação e saúde deve ser um processo contínuo e integrado, voltado para o cuidado integral do aluno, levando em consideração suas necessidades emocionais e sociais" (Santos, 2007, p. 211). Somente com essa rede de apoio será possível cuidar da saúde emocional do aluno de forma plena e efetiva, considerando suas múltiplas dimensões como ser humano.

Não podemos esquecer que a participação da família e da comunidade escolar é essencial nesse processo. A saúde emocional dos estudantes não é responsabilidade exclusiva da escola, mas deve ser uma ação compartilhada entre todos os atores envolvidos no processo educativo. Ao incluir as famílias nas discussões sobre o bem-estar emocional e psicológico dos alunos, as escolas podem criar uma rede de apoio mais ampla e eficaz. A interação entre escola, família e comunidade fortalece o acolhimento das emoções dos estudantes e proporciona um ambiente mais seguro e acolhedor para seu desenvolvimento. A cultura de cuidado deve, portanto, ser promovida de forma conjunta, criando uma rede de solidariedade que ecoa dentro e fora do ambiente escolar.

Ainda, a construção de uma cultura escolar que valorize a empatia, o respeito à diversidade e o cuidado emocional torna-se um aspecto fundamental para garantir que as estratégias pedagógicas sejam bem-sucedidas. A maneira como a escola trata os alunos, como se relaciona com suas diversidades e como se posiciona diante de situações de discriminação, é decisiva para a saúde emocional dos educandos. Nesse sentido, a escola deve ser vista como um ambiente onde o diálogo e a inclusão não sejam apenas valores abstratos, mas práticas concretas e vivenciadas diariamente. Isso implica em integrar práticas antirracistas e inclusivas de forma transversal em todas as disciplinas e atividades da escola.

Por fim, a avaliação contínua das práticas de promoção da saúde emocional nas escolas é fundamental para garantir sua eficácia. A escola deve estabelecer mecanismos para avaliar o impacto das suas ações, como rodas de conversa com os alunos e questionários sobre a percepção de bem-estar.

Isso não só ajuda a ajustar as práticas pedagógicas, mas também fortalece o compromisso da escola com a melhoria contínua de seu ambiente emocional e inclusivo. A avaliação deve ser vista como uma oportunidade tanto para aprender com os alunos, quanto para criar um espaço de aprimoramento constante.

Em outras palavras, a promoção da saúde emocional nas escolas deve ser uma prioridade. Para isso, é necessário que a educação se entreveja pela sua capacidade de ouvir, acolher, respeitar e valorizar as emoções de cada estudante. Ao adotar práticas pedagógicas inclusivas, que integrem o cuidado emocional aos processos de aprendizagem, as escolas podem se tornar espaços de desenvolvimento integral. Nesse ambiente, os alunos não só se tornam mais capacitados academicamente, mas também mais preparados para a vida, mais empáticos e resilientes. Como nos ensina Freire (1996), a educação deve ser um processo de libertação, onde educador e educando se encontram como sujeitos de um aprendizado transformador, que respeite as diversidades e promova o bem-estar emocional de todos.

6 CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou que a promoção da saúde emocional nas escolas deve ser compreendida não apenas como uma responsabilidade social, mas como um pilar fundamental para a construção de uma educação inclusiva e transformadora. A integração das dimensões emocionais, sociais e cognitivas no processo educacional se revela indispensável para o desenvolvimento pleno dos alunos, garantindo que a escola se torne um espaço de acolhimento, reconhecimento e valorização de suas diversas vivências e emoções.

Como discutido na primeira seção, um ambiente escolar que respeite a complexidade das dimensões emocionais e sociais dos educandos é essencial para que eles se sintam seguros e motivados a aprender. É no acolhimento que reside o poder de fortalecer o bem-estar emocional dos estudantes, permitindo-lhes se engajar no processo educativo de forma genuína e significativa.

A análise do papel da coordenação/orientação pedagógica e da gestão escolar, abordada na segunda seção, evidenciou que essas áreas são determinantes para criar escolas que não apenas transmitam conhecimento, mas também priorizem o cuidado emocional dos estudantes. Práticas pedagógicas que integrem apoio psicológico e emocional, juntamente com uma gestão que valorize a escuta ativa e o acolhimento, são indispensáveis para criar um ambiente no qual os alunos se sintam cuidados e, consequentemente, mais aptos a se desenvolverem social e emocionalmente.

Na terceira seção, exploramos os desafios e as potencialidades das políticas educacionais para o bem-estar emocional dos estudantes. Embora existam políticas públicas que visam a promoção da saúde emocional, é evidente que ainda há barreiras a serem superadas para garantir que essas políticas se tornem realmente eficazes e acessíveis a todos. A necessidade de fortalecer e ampliar as políticas

públicas voltadas à saúde emocional dos alunos é um passo decisivo para transformar a escola em um espaço verdadeiramente inclusivo e acolhedor.

Por fim, na quarta seção, discutimos as estratégias pedagógicas e práticas inclusivas que são essenciais para o cuidado da saúde emocional nas escolas. A adoção de práticas pedagógicas que incentivem a expressão emocional, a autoestima e a escuta empática é indispensável para criar um ambiente de aprendizagem onde todos os alunos, independentemente de suas diferenças, se sintam parte ativa da comunidade escolar. Estratégias como essas são capazes de fortalecer o vínculo entre educadores e educandos além de promover um ambiente de aprendizagem que favoreça o desenvolvimento integral dos estudantes.

Em resumo, este artigo propõe que a promoção da saúde emocional seja reconhecida como um pilar central para a formação de cidadãos críticos, resilientes e empáticos, que possam contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Para que esse objetivo se concretize, é fundamental que educadores, gestores, políticas públicas e famílias se unam, criando uma rede de apoio que permita a incorporação da saúde emocional nas práticas pedagógicas e nas diretrizes educacionais. Assim, as escolas poderão se tornar verdadeiros espaços de cuidado, transformação e desenvolvimento integral para todos os seus alunos, independentemente de suas especificidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Gênero, raça e classe: a educação básica e a construção de uma pedagogia da diferença. São Paulo: Comércio de Letras, 2015.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCK, Heloísa. A orientação pedagógica e a gestão escolar: estratégias para a formação integral do aluno. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2009.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A educação e a questão social: desigualdades e transformações sociais no Brasil. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

SNYDERS, George. A alegria na escola: educação, prazer e aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.